

ORATÓRIO DE SÃO JOSÉ

ÉVORA

Évora, 15 de Abril de 1974

Padre Francisco José Leite Pereira



Caríssimos Irmãos

Como primeiro responsável desta Comunidade cabe-me o doloroso dever de vos transmitir que o nosso querido e saudoso Padre Leite foi chamado para a Casa do Pai no passado dia 10 de Fevereiro. Embora já avançado em anos — 87 —, cheio de trabalhos e méritos e ultimamente também achacado, contudo, devido à sua fibra robusta não esperávamos perdê-lo tão cedo. A sua morte foi profundamente sentida pelos Irmãos da Província e por toda a cidade de Évora onde o venerando extinto era muito estimado.

Traçar o perfil moral e os dados biográficos desta figura simpática e simples, obriga-me a evocar os primórdios da nossa Obra em Portugal e acenar a algumas peripécias, ocasionadas pela mudança brusca de Regime no País. E que o Padre Leite era um elo precioso desses primeiros tempos da nossa Província.

Oriundo de uma das zonas mais cristãs da nossa Pátria — o doce Minho —, foi sua terra natal a aldeia de Mosteiro, do concelho de Vieira do Minho. Nasceu a 22 de Setembro de 1886 numa família profundamente cristã. Seus pais José Bernardino Pereira e Bernadina Rosa da Silva Leite, tendo ouvido falar que os Salesianos dirigiam em Braga o Colégio dos Órfãos, de S. Caetano, diligenciaram e conseguiram internar ali seu filho Francisco José a 20 de Janeiro de 1897. O ambiente espiritual e familiar, criado pelos Filhos de D. Bosco, fez do Colégio dos Órfãos autêntico alfobre de vocações sacerdotais e religiosas. Basta dizer que em 16 anos (até 1910) deu ao clero diocesano dez padres e à Congregação oito salesianos (sendo seis sacerdotes).

Em meio tão propício, o jovem Francisco José Leite Pereira sentiu-se atraído por D. Bosco, fazendo os Preparatórios no mesmo Colégio. Pediu depois o ingresso no Noviciado do Pinheiro, às Laranjeiras — Lisboa a 19/9/1903, sob a orientação de

virtuoso e culto P.^r Dr. Agostinho Colussi, ainda hoje de venerável memória para Salesianos, Antigos Alunos e Cooperadores. Aqui recebeu a batina das mãos do saudoso Padre Pedro Cogliolo e cursou Filosofia durante dois anos. A vida prática salesiana iniciou-a como Assistente na Oficina de S. José, de Viana do Castelo e ainda no Colégio dos Órfãos, de Braga, quando as novas leis da República tinham decretado já a expulsão dos Religiosos de Portugal. Recordava dessa época o carinho e o colóquio familiar do Director P.^r Carlos Pieretto, a despedida dolorosa do Colégio dos Órfãos e o afecto e a amizade dos Cooperadores, em especial a Família Amorim, que hospedou por semanas todos os Salesianos. Veio então a diáspora: os leigos Leite, Moraes, Lucas e outros teólogos abalam para a Itália, onde os procedera o P.^r Colussi. Em transe tão difícil, foi o tacto e a diplomacia do P.^r Cogliolo e o apoio de alguns amigos, que conseguiram salvar o património salesiano sobre as casas salesianas do Pinheiro e das Oficinas de S. José. Estas, com surpresa de muita gente, em fins de Novembro de 1912, conseguiram abrir as portas a setenta alunos internos sendo então requisitados para ali assistirem e leccionarem os clérigos Leite Pereira e Pedro Moraes. Sol de pouca dura, porque seis meses depois o Administrador do Bairro impunha de novo o encerramento da Escola. E outra vez os dois clérigos tiveram de se exilar, agora em Espanha. Foi aqui, na cidade de Sevilha que recebeu as ordens de presbítero em 20/12/1919. Com o sacrifício e superiores cuidados o P.^r Agostinho Colussi, que resistiu a todas as solicitações de venda das Oficinas, transformadas por dois anos em hospital de sangue, voltam estas definitivamente à posse da Congregação, em 1920. E é ainda o Padre Leite dos primeiros a dar a sua colaboração à tarefa recomeçada. Principiam então a chover pedidos de Fundações Salesianas para toda a parte. Dos mais instantes, foi o do Arcebispo de Évora, o Servo de Deus D. Manuel da Conceição Santos, ilustre admirador dos Filhos de S. João Bosco. Perante o abandono moral, em que se encontrava a juventude pobre e operária de Évora, oferece aos Salesianos um terreno, às Portas de Alconchel — a Horta do Leitão ou Quinta da Saudade —, onde, a 6 de Abril de 1926 entraram os «jesuitas», como os classificaram então os anti-clericalis.

Para fazer arrancar o Oratório, sob o patrocínio de S. José, era mister um homem habituado ao sacrifício rude e o Visitador de então, Padre Luís Sutera, encontrou-o no Padre Leite que à voz da obediência o acompanhava em 25 de Outubro desse ano. De acordo com o Superior e não obstante a hostilidade feroz do meio ambiente, pensou repetir na Cidade-Museu o que já se fizera em Lisboa com o Externato, que possui maior poder de penetração nas famílias. E a 10 de ~~Maio~~ Janeiro de 1927 é o próprio Padre Leite que inicia as aulas com três alunos, sentados no ván da escada da antiga Capelinha.

Que pobreza a desses primeiros tempos! Se não fora a generosidade do venerando Arcebispo e de um ou outro Cooperador, teriam morrido de fome. Em contrapartida, era ruidosa a alegria e satisfação dos alunos, que iam chamando outros companheiros.

No mês de Maio eram já 120, a receber festivamente o Prelado, que viera presidir à Festa de N.^a Sr.^a Auxiliadora, na minúscula Capela do Oratório improvisada — autêntica Capela «Pinardi». Nessa altura, o Padre Leite era tudo: professor, conselheiro, animador dos recreios e até despenseiro. Foi este ambiente de simplicidade, alegria e sacrifício, que conseguiu conquistar as simpatias da cidade e desterrar dela em grande parte o seu cunho anti-clerkical. Foi esta aura simpática e benéfica do Oratório de S. José, que levou as autoridades da cidade a convidar os Salesianos

a assumirem a direcção da Casa Pia Masculina da Cidade, cabendo ali ao Padre Leite o relevante papel de Director Espiritual. E, quando a nossa Inspectoría, no mandato do saudoso P.^o Hermenegildo Carrá, se alargou ao Ultramar, na Missão de S. Nicolau — Cabo Verde, foi o bondoso Padre Leite indigitado para capitanejar a expedição. Terminado aqui o seu mandato, vemos em 1950 o Padre Leite encarregado da Obra de Areosa (Viana do Castelo), donde transitou, um ano depois, para Lisboa, como confessor. E, quando outras Províncias do Ultramar reclamaram o labor dos Salesianos, nomeadamente Moçambique, o grupo de Salesianos jovens, destinado ao Instituto Mousinho de Albuquerque (Namaacha), solicitou a companhia amiga e experiente do Padre Leite, já na bela idade de 64 anos. Como é natural, a sua fibra, apesar de robusta, entrou a ressentir-se do clima tropical. E os Superiores acharam bem que regressasse à Metrópole. E foi Évora e o seu querido Oratório, agora com instalações novas e uma bela Igreja, transformada em Paróquia, a última Casa a desfrutar do seu bom exemplo, piedade e zelo confessionário, até à hora em que o Senhor o veio chamar. O seu funeral constituiu autêntica homenagem de saudade e gratidão de toda a Évora. Presidiu às Exéquias o venerando Arcebispo da Diocese, ladeado pela quase totalidade do Clero citadino e por larga representação de Salesianos, chefiados pelo Rev. Provincial P.^o Manuel Pinho, representantes qualificados das Filhas de N.^a Sr.^a Auxiliadora e outras Comunidades Religiosas da Cidade, Autoridades Civis, muitos Antigos Alunos e Cooperadores, como último e eloquente testemunho de apreço e gratidão.

Irmãos, desculpai-me, mas este já longo currículo não me dispensa de um esboço, ainda que sumário da sua fisionomia moral: do religioso, sacerdote, superior.

RELIGIOSO EXEMPLAR

A sua entrega a Deus na Congregação foi consciente e plena. Demonstrou-o claramente na hora da prova, quando o decreto injusto do regime republicano expulsou os Religiosos de Portugal. Uma família rica fez-lhe uma proposta insidiosa e lisongeira: de não ir para o estrangeiro, mas ficar como chefe da sua casa. Preferiu o exílio a abandonar a sua vocação.

Foi sempre um salesiano cumpridor dos seus deveres religiosos e profundamente dedicado à Congregação, com espírito de fé e fidelidade sincera. Ainda há poucos meses, ao passar pela Casa de Manique, dizia a um irmão: não deixe de recomendar aos jovens Salesianos que se abejorem da Confissão de 15 em 15 dias, como recomenda o Santo Padre. Mas uma virtude, de que deixou exemplo bem vincado, foi a operosidade incansável. Com os virtuosos e doutos P.^o Agostinho Colussi e P.^o José Maria Ccelho, escreveu uma página heróica de sacrifícios e sofrimentos no meio de dificuldades, quase inacreditáveis. Durante anos ia a pé à Praça da Ribeira e depois em Évora a mercado fazer as compras; era o responsável pelas limpezas, o bedel da Escola, que estava então sob a direcção oficial de um professor externo — o amigo sr. António Pedro. Quando os alunos entornavam tinta ou sujavam as aulas, era logo chamado o sr. Leite, como então o apelidavam, e logo ele, com o balde numa mão e o sorriso nos lábios procedia rapidamente à limpeza, com admiração do dito professor. Passados cerca de dois anos veio o professor a saber que o tal «bedel» era padre, e então pediu-lhe imensas desculpas por o ter tratado como um simples criado. Este seu amor ao trabalho, ainda o mais humilde, foi uma das características que o acompanharam até à morte.

SALESIANO E SACERDOTE

O zelo de salesiano e sacerdote primaram nele durante toda a vida. Como é sabido, as leis de então proibiam o ensino religioso nas escolas. Mas o Padre Leite era educador e salesiano. Com os outros irmãos usava de estratégias oportunas para ministrar os rudimentos da fé e preparar os alunos para a primeira comunhão a realizar na Igreja Paroquial, despistando as normas legais vigentes. Intermeava os recreios com aulas de catecismo, que amenizava com episódios bíblicos, recomendando outra vez os jogos com maior alegria e reboliço. A presença entre os alunos, ainda quando Director, era para si uma exigência imperiosa, e com este seu bom exemplo estimulava os outros salesianos. Todavia a sua maior preocupação era o bem espiritual dos jovens. Foi durante toda a vida um confessor incansável, assediado por todas as classes de pessoas. Em Évora, foi por muitos anos o confessor oficial do clero e das comunidades religiosas. E que a sua bondade contagiativa e singela tornavam-no querido de toda a gente.

DIRECTOR AMORAVEL

O superiorato não foi para o Pe. Leite um posto honroso, mas um cargo, que aceitava apenas por obediência. Dentro do espírito evangélico, era o primeiro servidor da comunidade. Como já fizemos notar, desempenhava de boa mente os mistérios mais humildes, prestando-se, quando necessário, a acender o fogão e a preparar o café para os irmãos. Foi sempre um superior-pai, ou antes irmão dos seus irmãos, que animava nas horas de desalento, nas dificuldades escolares e na assistência. A sua delicadeza atingia muitas vezes as raias do extremo. Não obstante as estreitezas económicas e a poupança, de que dava estrito exemplo, providenciava para que os irmãos tivessem a roupa ou enxoval suficientes e o material preciso para as aulas. Vendo que um ou outro professor prolongava um tanto as aulas, no último período escolar, forçava-os a ir ao refeitório ou então era ele mesmo a levar-lhe à aula a merenda. Desvelos quase maternais deste tipo e tão seus característicos jamais se podem esquecer. Outra grande preocupação era criar e manter a harmonia e a paz na comunidade, e fomentar nela a boa disposição. Ao serão gostava de parfilhar, em canções animadas, da hilariedade geral não omitindo nunca o terço e as orações.

E o carinho que prodigava aos nossos, estendia-o igualmente às Filhas de Maria Auxiliadora particularmente nos primeiros tempos da sua estadia em Évora. Passando elas nessa altura privações, diligenciava, à calada, para que lhes chegasse oportunamente géneros e ofertas que lhes aliviassem as agruras. O mesmo fez, durante anos com a tão necessitada casa de formação de Poiares da Régua.

Caríssimos irmãos desculpai, se me alonguei. Creio, no entanto, que nos fará bem a todos, relembrar as benemerências deste nosso irmão, que nos deixa tão belo exemplo de simplicidade, bondade e espírito de sacrifício, numa vida toda de doação ao Senhor.

Não posso rematar, sem vos implorar preces de sufrágio pelo pranteado e saudoso Padre Leite, para o caso de lhe serem ainda necessárias. Recordai também esta comunidade e suas necessidades e quem se professa

Irmão dedicado em D. Bosco

P.^o Manuel António Caminha